

Carlos Dinis Gonçalves

Nº 6 Processo nº 21409

Efa s13

Eça de Queirós
Escola Secundária

Formadora.

Ana Fonseca

Realidades Virtuais

1ª- Encontros online com os membros do clã em vez de ir ao cinema com os amigos?

Os encontros online com os membros do clã, por um lado, são uma maneira de estar em contacto com os amigos sem sair de casa, dar conversa a quem de facto queremos e temos a possibilidade de visualizar quem está do outro lado. Enfim, um sem número de oportunidades que temos ao nosso dispor dentro da nossa porta. Por outro lado, com as tecnologias que temos ao nosso dispor e as facilidades concedidas, não há nada que chegue ao contacto real, o que normalmente se chama sentir o “pulso”, sentir as expressões de aprovação ou reprovação, ficar com a certeza de que fomos ouvidos, que transmitimos o que era pretendido e nos fizemos entender. Apesar de toda a tecnologia existente, mediante o meu ponto de vista, ainda não é possível sentir isso através da tecnologia. A meu ver, os amigos continuam a ir ao cinema, só que estão mais exigentes na selecção dos filmes e no conforto das salas de espectáculos.

2ª - Conversar com outros jogadores da mesma *guilda* em vez de ir tomar café com a melhor amiga?

É uma maneira de conversar com quem nos dá prazer falar e, ao mesmo tempo, não se dar ao trabalho de sair de casa, não enfrentar intempéries e por vezes evitar o desconforto de sair de casa só. Claro que, se quisermos muito ir tomar café com um amigo, devemos fazê-lo, independentemente das intempéries que possam existir ou de outras situações menos agradáveis.

3ª - Cada vez mais pessoas passam o seu tempo livre em frente ao computador e não são apenas as crianças e os jovens – o número de

adultos que se deixam absorver por videojogos tem vindo a aumentar consideravelmente. Nesse sentido, será possível actualmente falar do “isolamento” provocado pelos videojogos quando das festas LAN, que chegam a ter 600 participantes, se tornam cada vez mais populares?

Poderá falar-se de isolamento se as pessoas ficarem absorvidas pelos jogos ao ponto de não saírem de casa (ou só saírem se absolutamente indispensável) e deixarem de conviver com “as pessoas reais”. Dado que as festas chegam a ter 600 participantes, será sempre uma maneira de estar em contacto com outras pessoas, só que de princípio não será muito saudável.

4ª- Qual a atracção das relações virtuais baseadas em jogos?

A atracção baseada em jogos é: conseguir um resultado cada vez melhor e estar sempre mais pontuado que o nosso adversário.

5ª - Qual a verdadeira influência ou impacto que isso tem nas relações pré – existentes?

A influência pode ser catastrófica. Ou somos educados, inteligentes e muito compreensivos, ou as relações que existiam antes dos videojogos pura e simplesmente deixam de existir.

6ª- As relações virtuais são apenas um complemento das relações reais, são paralelas a estas ou poderão vir um dia a substituí-las?

Depende do comportamento e da maneira de pensar de cada um. Eu julgo que pode ser um complemento das relações reais; quanto a “substituição”, acho e quero pensar que não!

7ª - Os videojogos favorecem ou limitam o desenvolvimento das relações sociais?

Os videojogos poderão limitar as relações sociais se as pessoas lhes dedicarem demasiado tempo, ao invés de darem atenção a quem as rodeia ou de diversificarem o seu tempo de lazer.

8ª - Poderão os jogos possibilitar a renovação e o fortalecimento das relações sociais no mundo real, através de, por exemplo, jogos de família?

Talvez um dia se consiga... Não devemos esquecer-nos do papel que os pais e professores têm como orientadores no acesso a este meios, nomeadamente na escolha desses jogos e no tempo de utilização dos mesmos. No entanto, acho difícil, porque não estou a ver as crianças entretidas com os mesmos jogos que os adolescentes e estes gostarem dos mesmos jogos que os adultos. Além disso, uma grande parte dos adultos também tem alguma relutância em aderir a certos videojogos.

Para concluir, tudo tem o seu tempo e agora estamos numa época em que as máquinas estão em franca expansão. Claro que isto é óptimo, mas nós temos que saber adaptar-nos a todas estas inovações com a firme convicção de que é o homem que comanda a máquina e nunca a máquina a comandar o homem. Caso contrário, corremos o risco de não ter vontade própria e viver dependente de uma qualquer máquina!

Carlos Dinis Gonçalves

Nº6

EFA-S13